

Albino Mendes: a construção do “Arsène Lupin” brasileiro pelos jornais da Primeira República

MARILENE ANTUNES SANT’ANNA ¹

“O arquivo, de algum modo, capta a cidade em flagrante delito: a driblar a ordem, por exemplo, rejeitando a utopia dos policiais ou decidindo, conforme os eventos, aclamar ou hostilizar seus reis, e se sublevando no caso de se sentir ameaçada. Ao ler os registros policiais, constata-se a que ponto a rebelião, o desafio ou mesmo a revolta são fatos sociais corriqueiros que a cidade sabe como administrar, como provocar, assim como reconhece facilmente seus primeiros sinais” (FARGE, 2009, 31)

Não raras vezes, um dos crimes que os jornais do Rio de Janeiro mais gostavam de apresentar aos seus leitores era o de moeda ou notas falsas². Quadrilhas numerosas, com comparsas e relações que chegavam a outros estados brasileiros e países vizinhos, com líderes que, se por ventura fossem presos, deixavam discípulos dando continuidade a seus trabalhos e, investigadas por uma ação mais cautelosa da polícia, podem ser acompanhadas com certa frequência em páginas de periódicos nas primeiras décadas do século XX. E, entre esses criminosos, um deles, tem chamado nossa atenção. Conheci-o, quando há alguns anos, deparei-me com um minúsculo negativo de uma foto sua em meio a uma vastidão de papéis que tratavam de presos e prisões no Arquivo Nacional (SANT’ANNA, 2010). Na ocasião, não pude dar continuidade a história desse personagem, que desde o início, pareceu-me fascinante. Sendo assim, é necessário esclarecer que, só recentemente teve início a presente pesquisa. O indivíduo em questão chama-se Albino Mendes, cuja apresentação de sua

*Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora do Departamento de História da Universidade Gama Filho.

² De acordo com o Código Penal de 1890 (Decreto n. 847 de 11 de outubro de 1890) em seu artigo 239 aquele que fabricar moeda nacional ou estrangeira “com a mesma forma, peso e valor intrínseco da verdadeira” era punido com prisão celular de um a quatro anos. E se a moeda for fabricada com diversa matéria ou sem peso legal, a pena poderia chegar a oito anos de prisão. Em caso de papel de crédito público a prisão seria de dois a oito anos conforme artigo seguinte do Código e, por último, se não ocorresse fabricação, mas somente introdução na circulação do dinheiro falso, a pena poderia variar de dois a quatro anos de prisão celular.

trajetória e a construção da memória feita por alguns dos jornais e revistas da Primeira República, serão os objetivos da presente comunicação.

Chamado por vários jornalistas de Arsène Lupin – menção ao famoso criminoso da literatura francesa criado pelo escritor Maurice Leblanc, cujas maiores peripécias foram publicadas nas duas primeiras décadas do século XX e que se multiplicaram em jornais, revistas, teatro, cinema mudo em vários países - Albino Mendes constituiu uma das mais importantes e recorrentes histórias de famosos criminosos do Rio de Janeiro da Primeira República, nos ajudando a refletir sobre a construção de uma memória coletiva que foi erigida sobre crimes e criminosos naquelas décadas.

Sua maior façanha, contada inúmeras vezes nos jornais, foi fugir da Casa de Detenção na noite de 01 de janeiro de 1915, utilizando inclusive dinheiro falso para pagamento dos guardas que o ajudaram a planejar sua saída. Como toda fuga de prisão, esta atraiu os leitores, que se desejassem, poderiam acompanhar nas notas e colunas de alguns jornais todo o escândalo da fuga de Albino bem como os detalhes das tentativas da polícia de recapturar o falsário aventureiro, que nesta ocasião, foi parar em Montevideú.

1.1 - Albino Mendes: a arte de falsificar dinheiro

Albino Mendes nasceu em Almeida, na região da Beira, Portugal. Em 1906, no final do governo Rodrigues Alves, desembarcou no Rio de Janeiro. Segundo seu próprio relato, abandonou o cargo de sargento na carreira militar, por estar Portugal enfrentando um período de “tirania imposta por João Franco”, tendo sido por isso obrigado a ir para Lisboa onde aprendeu alguns conhecimentos de fotografia, chegando inclusive a ganhar um prêmio de quatro mil contos numa exposição, fato que o motivou a embarcar com sua esposa para o Rio e abrir por aqui um ateliê fotográfico.³

³ Albino Mendes concedeu uma entrevista ao periódico Rio-Jornal no ano de 1918 contando toda sua história de vida. Para traçar sua trajetória antes de chegar ao Brasil, nos valemos prioritariamente desse relato. Ver a

Lisboa nesse início de século impunha-se como a maior cidade portuguesa e seu crescimento foi devido a migração de pessoas que, saídas do campo, de aldeias e cidades menores, se dirigiram para lá à procura de trabalho e de melhores condições de vida. Como lembra a historiadora Maria João Vaz,

“quem chega a Lisboa encontra muitas vezes sérias dificuldades de inserção neste novo espaço, dificuldades de adequação a esses hábitos e costumes ditos como mais civilizados e mais modernos, dificuldades em conseguir garantir condições de vida e de trabalho aceitáveis, dificuldades em se adaptar à disciplina de trabalho imposta na cidade, nomeadamente no trabalho industrial. “ (VAZ, 2006, 90)

Nessa conjuntura, Albino Mendes, como tantos outros populares, resolveu tentar a sorte no Rio de Janeiro. Como alguns trabalhos já demonstraram, era crescente o número de estrangeiros que chegavam à cidade. No primeiro recenseamento da República realizado no ano de 1890, a população era de 522.651 habitantes, sendo 155.202 estrangeiros. Inclusive, o Rio de Janeiro já era uma cidade maior do que Lisboa, que naquele ano tinha cerca de 300 mil habitantes, enquanto o Porto contava com cerca de 150 mil pessoas. (VAZ, op. Cit, p. 100). Mais à frente, no ano que Albino Mendes chegou com sua esposa, o Rio de Janeiro tinha 811.443 habitantes, sendo 463.453 homens e 347.990 mulheres. (RIBEIRO, 2001, 421). Deste total, 210.515 eram estrangeiros e dentre estes, 133.393 lusitanos, ou seja, aproximadamente 63% nascidos em Portugal.

Como demonstra Gladys Ribeiro (2001), as rivalidades entre brasileiros e lusitanos eram antigas e o português era quase sempre considerado um aproveitador das oportunidades de trabalho aqui na capital. Na prática, sobretudo para aqueles que não conheciam outros patrícios que já sobreviviam por aqui, muitos deles logo ficavam endividados, moravam em condições precárias e envolviam-se em inúmeros conflitos. Muitos inclusive pararam nas

série de 15 artigos publicados entre 13 a 27 de abril de 1918 no Rio-Jornal. No início do século XX, Portugal atravessava o fim do governo do rei Carlos I que é assassinado com seu filho no ano de 1908. A referência que faz a João Franco remete ao ministro do reino conhecido por resolver agitações sociais e políticas com deportações e violência.

prisões. Dados retirados dos relatórios dos diretores da Casa de Correção – prisão com trabalho para onde eram enviados indivíduos já sentenciados pela justiça da Capital – demonstram que em vários anos os estrangeiros estavam em maior número do que os brasileiros. Voltando novamente a 1906, tal fato não aconteceu, mas, o número de estrangeiros presos não é pequeno. Depois de contabilizado o movimento de entrada e saída na penitenciária, sabemos que ficaram ali retidos para o ano seguinte 171 indivíduos homens e uma mulher. Destes, 109 são brasileiros e 63 estrangeiros (1 alemão, 1 argentino, 1 chileno, 1 cubano, 1 francês, 7 espanhóis, 12 italianos, 2 mexicanos, 36 portugueses, 1 oriental). A maior parte foi condenada por homicídio (67 casos), roubo (43), lesões corporais (15), furto (11), somente um por tentativa de moeda falsa, crime pelo qual Albino Mendes será preso já no ano seguinte em 1907.

Portugueses e demais estrangeiros poderiam ter sido mais perseguidos pela polícia e condenados com maior regularidade pela justiça brasileira e realmente terem enfrentado sérias dificuldades para sobreviver na cidade, visto que a maior parte dos crimes em que se envolviam, referiam-se aos roubos, furtos, tentativa de roubo, etc. Por enquanto, podemos somente concluir que sua adaptação foi bem difícil por aqui. Voltando a Albino Mendes, este declarou os problemas de sobreviver na capital do país naquela ocasião. Somente o aluguel do ateliê situado na rua dos Inválidos custava 350\$ mensais. Gastara boa parte do dinheiro com a montagem do lugar e não conhecia ninguém, fato que, segundo ele, o impossibilitava de pedir emprego. Foi por conta dessa condição de vida que caiu nas redes do crime:

“como a casa era grande resolvi sublocar uns quartos. E para um desses quartos vieram dois homens que admiravam imenso as minhas photographias e cuja vida era um tanto misteriosa. Pelas entradas e saídas, pelos modos. E foram eles que insinuaram que precisavam de um artista como eu para ganhar dinheiro.” (Rio-Jornal, 14/04/1918)

As primeiras notas falsificadas foram de dez mil réis. Admitiu que rapidamente constituiu-se um bando de cúmplices ao redor dele, levando-o inclusive por um tempo a

morar em São Paulo. Mas, logo a polícia identificou a quadrilha e Albino Mendes foi preso pela primeira vez em uma casa em Santa Tereza.

“Mas fui preso. Como o senhor não ignora aqui no Rio há sempre uma diligência permanente contra as notas falsas. E – o que é espantoso – é que há sempre notas falsas e fábricas das mesmas. Fui preso e colocado na Detenção.”(Idem)

É, portanto, o próprio preso que nos conta da profusão de notas falsas que apareciam na praça comercial da capital federal ao mesmo tempo da perseguição implacável que a polícia carioca empreendia contra esses criminosos. A polícia via-se as voltas com uma cidade que crescera demais.

“O Rio não é uma cidade homogênea em sua população e em seus costumes. De fato, ele é a aglomeração de muitas cidades.” A frase, escrita por Elysio de Carvalho, e publicada em seu livro intitulado “A Polícia Carioca e a criminalidade contemporânea” de 1910, é uma curta explicação das dificuldades de adequação da polícia a nova ordem geográfica, populacional, social, capitalista que a cidade enfrentava. Elysio, funcionário da polícia e depois diretor do Gabinete de Identificação e Estatística no período de 1911 a 1915, e primeiro diretor da Escola de Polícia do Rio de Janeiro era defensor das melhorias que a polícia carioca vinha implementando na virada do século (por exemplo, a fotografia, as estatísticas criminais, etc.) mas reconhecia também as dificuldades de lidar com as mudanças impostas pelos novos grupos que habitavam na cidade. E parece mesmo que o perfil e a ação dos gatunos que atuavam nos crimes e delitos modificavam-se. Em 1903, Vicente Reis, delegado de polícia, publicou um livro intitulado “Os Ladrões no Rio”. O livro encontra-se estruturado a partir da classificação das maneiras como os ladrões atuavam no cumprimento do seu ofício, identificadas com base no que um ladrão famoso, já conhecido da polícia, chamado Dr. Cornélio, falava ao delegado. (Bretas, 2002; Sant’Anna, 2010). Na riqueza dos detalhes, podemos encontrar entre os ladrões aqueles que matam para roubar, os que agarram pela garganta, os que assaltam no mar, os que narcotizam as vítimas, os que fazem banhos de mar, os que saltam janelas, os que vencem obstáculos, os que operam nos galinheiros, os que furtam, os estelionatários, os que batem carteira, os que pregam o conto do vigário, o conto do

bilhete de loteria, dentre outros tipos. Olhando a curiosa tipologia, notamos que muitos dos crimes ainda dizem respeito a um modo de vida antigo, de tempos passados, mas onde também já aparecem novas modalidades de crime.

Vicente Reis adverte que por aqui ainda não temos crimes hediondos, como aqueles que os jornais noticiam do exterior. Somos ainda, segundo sua interpretação de delegado de polícia, uma gente que emana paz, um povo tranqüilo, mas, a gatunagem está mais ousada, e para isso, concorre entre nós principalmente a presença do imigrante:

“raramente somos surpreendidos pela narrativa de crimes alarmantes, aqui postos em execução, e, se os tem havido, espaçadamente embora um do outro, pode-se afirmar, não sido essas criminalidades executadas por mão de estrangeiros, na mór parte evadidos das galés, fugindo à expiação de cometimentos audaciosos, ou por indivíduos que aportam as nossas plagas impelidos pela enxurrada imigratória”
(REIS, 1903, p. 2)

Para as elites e autoridades que cuidam da ordem pública, o crime adquire novos aspectos, multiplica-se rapidamente e o criminoso é muitas vezes um produto da inteligência e da ousadia, da perversidade. Os jornais contribuem para aumentar essa sensação de aumento da criminalidade. Os grandes jornais cariocas – Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, Correio da Manhã, A Noite – deram ampla publicidade as notícias de crime principalmente a partir do início do século XX (Ottoni, 2012; Sant’Anna, 2010). Os crimes ganharam títulos chamativos com subtítulos que faziam pequenos resumos sobre o que o leitor iria encontrar nos próximos parágrafos. As reportagens, que apareciam sobretudo com grandes crimes e histórias de famosos criminosos, eram escritas em detalhes para a total compreensão do leitor.

Voltando a Albino Mendes, sabemos que da pena de 12 anos de prisão que recebeu em 1907, não a cumpriu toda. Beneficiou-se de um indulto no governo Hermes da Fonseca e em 24 de fevereiro de 1912 a pena foi comutada para cinco anos obtendo a liberdade em

dezembro daquele ano⁴. Oito meses mais tarde já se encontrava preso novamente na Polícia Central, onde tentou uma fuga desastrada pela janela torcendo seu pé direito. Julgado, condenado e levado a Casa de Detenção, foi dali que empreendeu a famosa fuga pelo qual ficou conhecido nas próximas décadas nos jornais e na literatura.

1.2 - “Foi-se ... Albino Mendes, o célebre passador de notas falsas, conseguiu fugir da prisão”

Foi com esse título que o jornal “A Noite” narrou aos seus leitores o início das especulações sobre como aconteceu a fuga de Albino. Segundo o periódico, o primeiro a contar o acontecido, vários presos sempre conseguiram fugir das prisões ao redor do mundo e também das prisões cariocas, mas Albino o fez de dentro da cela. O Jornal muito sutilmente critica a direção que deveria ter ficado mais atenta a vigilância do preso.

Já o periódico Gazeta de Notícias, iniciou sua reportagem falando que “Um fato de verdadeira sensação preocupou ontem a cidade”. Era Albino Mendes, “habilíssimo criminoso, inteligente, sagaz, ilustrado” que fugira da Casa de Detenção, o “forte e inviolável presídio da rua Frei Caneca”, zombando assim do zelo e cuidado que o coronel Meira Lima exige naquele estabelecimento. Assim como os demais jornais, também elogiou a condução da prisão, mas de forma indireta, provocou o diretor quando lembrou a fuga de Affonso Coelho e da tentativa de Carletto em limar as grades da cela assim como fizera Albino. A reportagem ocupou quase toda a página 5 do jornal de domingo dia 03 de janeiro de 1915 e trouxe seis fotos distribuídas entre fotos do ex-presos e dos lugares dentro da Detenção por onde se acreditava que ele havia escapado. Como todos os demais jornais, deu maior ênfase ao que chamou de “evasão rocambolesca”, tratando de esclarecer com detalhes as pistas que a polícia naquele momento estava seguindo.

⁴ Ver notícias no jornal A Noite, 25 e 26 de agosto de 1913; 01 de setembro de 1913

Todos os jornais também rememoraram a trajetória dos crimes cometidos por Albino Mendes. Nenhum mencionou sua nacionalidade portuguesa, só começando os relatos, em 1907, quando ele fora pela primeira vez detido pela polícia. A Gazeta de Notícias tratou ainda do seu comportamento na prisão

“Na Detenção, Albino Mendes manteve sempre um comportamento exemplar, atraindo as simpatias de todos os visitantes e confeccionando lindos trabalhos de desenho, pintura e photographia, além de produzir vários sonetos e contos que foram apreciadíssimos por alguns dos nossos literatos”

Talvez aqui a referência seja uma ironia à Elycio de Carvalho, que publicara em 1913, uma série denominada “A Literatura das Prisões” no jornal “A Ilustração Brasileira”, cujo primeiro poeta citado havia sido justamente Albino Mendes. Fato é, que essa verve de poeta, escritor, intelectual e genial, acompanhou Albino em vários discursos que tratavam de sua história.

Outro periódico que tratou da fuga foi “O Paiz” (03 de janeiro de 1915). Assim como os demais, sua narrativa deteve-se no ocorrido, porém, foi o único que forneceu três possibilidades diferentes para a fuga e que ouviu o Coronel Meira Lima, o diretor da prisão, que declarou que em doze anos de administração, conseguiu impedir várias tentativas de fuga, mas que na atual situação – “Eu tenho para o serviço de uma média de 800 presos, apenas 24 guardas, pois, não consegui o aumento de mais dez, que solicitei aos meus superiores – muito pouco poderia ter ele feito.

O Paiz – com o título “A fuga de um falsário – na casa de detenção – Albino Mendes põe-se ao fresco” – também apresentou Albino ao leitor – “não tem mais que 35 anos”, lembrando principalmente o ano de 1907, mas, tem destaque na reportagem as críticas que faz a todo o sistema penitenciário que cercava o prisioneiro, que segundo o jornal inclusive, depois de mais de um ano e meio ali retido, já deveria ter sido transferido para a Casa de Correção.

A fuga teve realmente aspectos mirabolantes. O preso serrou duas grades, pulou para o cubículo ao lado do seu, e em seguida para o telhado na parte do edifício que servia de enfermaria e por uma calha, deslizou até o pátio, atravessando-se com sentinela onde chegou a uma escada de caracol que vai ter ao mirante na muralha da rua frei caneca. Tudo isso obviamente com a cumplicidade dos guardas que trabalhavam naquela noite. Em suas memórias, contadas ao Rio-Jornal, ela confessaria:

“comecei por ser dócil, dando a aparência de incapaz. Depois estudei os companheiros da galeria. Em seguida, os guardas e os soldados. “assim foram os guardas que levaram a minha correspondência, que me entregaram as cartas. Eu tinha gente na rua, alerta ao meu menor desejo. Atentei para um soldado q de vez em quando vinha render guarda e ficava de sentinela justamente debaixo da minha janela gradeada.” ...

Muito do que passou a contar ao Rio-Jornal extrapolou o que os jornais e a polícia conseguiram descobrir no momento da fuga. Estava em jogo agora aumentar sua imagem de criminoso esperto e inteligente. Conta que depois da fuga, hospedou-se num hotel em frente a uma delegacia, mais tarde no bairro do Leme até que conseguiu embarcar em um navio do Lloyd para Montevidéu, Uruguai, país que sabia não ter tratado de extradição com Portugal, impedindo assim sua deportação.

Os jornais também seguiram seu rastro. “A Noite” em 09 de dezembro de 1915 já trouxe entrevista com Albino Mendes, preso numa ação conjunta entre as polícias brasileira e uruguaia. Naquela prisão empreendeu nova fuga no ano seguinte, furando o teto da cela feito de madeira com o auxílio de uma vela, onde ficou ferido, queimado no rosto e de onde finalmente voltou para o Brasil, não sem tentar uma última vez fugir no navio. Desembarcou em 12 de março de 1917 sob a escolta de três lanchas e uma pequena multidão para recebê-lo. Desta vez, foi direto para a Casa de Correção onde empreendeu um novo grande escândalo. A penitenciária enfrentava uma séria crise onde revoltas coletivas também eram freqüentemente narradas nas páginas dos jornais. Dentro de seu cubículo, Albino Mendes, voltou a fabricar notas falsas! No início confessa que todo o material que havia utilizado da vez anterior ainda o aguardava e veio parar em suas mãos com a ajuda de um preso faxineiro. No entanto, o

inquérito da polícia descobriu que com nova cumplicidade dos guardas ele teve acesso aos componentes que necessitava para fabricar o dinheiro. Julgado novamente em agosto de 1918, foi condenado a mais quatro anos de prisão celular somados aos quatorze que tinha de setembro de 1913.

Nos anos 20, seu nome é conhecido dentro das prisões. Orestes Barbosa, jornalista conhecido que também escreverá sobre as prisões da cidade, escreve em seu livro “Na prisão”, que Albino Mendes passava os dias fazendo objetos artísticos e que era um dos presos mais admirados. Obteve sua liberdade em 1926, mas no primeiro derrame de dinheiro falso no Estado do Rio de Janeiro viu seu nome envolvido outra vez nas páginas dos jornais. Para o fim dessa história, o jornal “A Noite” conta que Albino acabou sendo expulso do país em 1930, mas mesmo de volta a sua terra natal, não teve sossego. Os jornais o acompanharam e relataram que em Lisboa foi condenado a mais seis anos de penitenciária.

Por aqui, suas façanhas continuaram por algum tempo a serem lembradas. Em 1953, é a vez de Bastos Tigre, rememorar que falar em quadrilha de dinheiro falso é relembrar “O Albino Mendes e o Afonso Coelho, que conseguiram fabricar notas falsas no próprio cubículo que ocupavam, cada um a seu tempo, na Casa de Correção. Mas esses eram gênios. E, depois deles nenhum mais apareceu que de longe se lhe comparasse”. (A Noite, 04 de dezembro de 1953). A coluna assinada pelo grande jornalista e escritor parece trazer uma nota de nostalgia do tempo em que viveram os dois grandes falsários e saudades de algumas boas histórias que ajudavam a vender jornais e encantavam os leitores e moradores da cidade.

Bibliografia:

BRETAS, Marcos Luiz. As empadas do Confeiteiro Imaginário: a pesquisa nos arquivos da justiça criminal e a história da violência no Rio de Janeiro. *Acervo*, Rio de Janeiro, volume 15, n. 1, p. 7-22, jan./jun. 2002

FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LEBLANC, Maurice (1864-1941). *O ladrão de casaca*. SP: Martin Claret, 2011.

OTTONI, Ana Vasconcelos. “O paraíso dos ladrões”: crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920). UFF: Tese de doutorado, 2010.

REIS, Vicente. *Os ladrões no Rio*. RJ: Laemmert & C – Editores, 1903.

RIBEIRO, Gladys Sabina. À bala e à faca: os rolos entre “galegos” e “cabras” na República Velha. In: *Escritos sobre história e educação: Homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. RJ: Editora Mauad, 2001

SANT’ANNA, Marilene A. A imaginação do castigo: discursos e práticas sobre a Casa de Correção do Rio de Janeiro. UFRJ: IFCS, tese de doutorado, 2010.

VAZ, Maria João. Gatunos, vadios e desordeiros. Aspectos da criminalidade em Lisboa no final do século XIX e início do século XX. In: Almeida, Pedro Tavares e Marques, Tiago Pires. *Lei e Ordem: justiça penal, criminalidade e polícia, séculos XIX-XX*. Lisboa, Livros Horizonte, 2006.